A psicologização derivada do individualismo

Ameaças à psicanálise

Ricardo Biz,[1] Jundiaí

Resumo: O autor argumenta que a psicologização é resultado de um imbricamento de várias tendências culturais que, desde o Renascimento, fomentam o individualismo, a autodeterminação e uma concepção de interioridade. O autor salienta que o discurso neoliberal não só promove facilitações de consumo, mas também afeta a constituição do sujeito contemporâneo, potencializa o individualismo, objetifica as relações e promove a gratificação pulsional. A consequente modificação do sujeito impacta nos modelos "oficiais" e diagnosticáveis de sofrimento, bem como na busca por terapêuticas emergentes que se propõem a acolher e aliviar essas novas formas de padecimento psíquico. O autor aborda a reação da psicanálise, com seus apoios teóricos clássicos – neurose, psicose e perversão – diante do sujeito atual, em busca de uma rápida plenitude pelo consumo, desidratado de sua vida fantasmática, avesso à reflexão e, portanto, pouco disponível ao modelo clássico psicanalítico.

Palavras-chave: individualismo, neoliberalismo, subjetividade, psicologização, psicanálise

Individualismo, interioridade e psicologização

O chamado individualismo já vem em curso desde a retomada dos valores humanísticos na Renascença, quando o sujeito deixou de ser heterônomo, fundado por tradições ditadas por instituições como a Igreja e o Estado. A partir de então, o sujeito passa a ser autônomo, autodeterminado (*auto-nomia*), por uma certeza que advém de si, do próprio

1 Psicanalista. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

pensamento ("penso, logo existo") e não mais por afirmações externas, o que implica consequências políticas importantes, já que a força das intervenções advindas de fora perdia relevância. Este contexto reúne fatores que propiciaram a "irrupção do indivíduo" (Renaut, 1998).

A psicologização no Brasil se difundiu desde o fim do século 19. Vários campos da cultura contribuíram para inculcar no senso comum uma concepção de interioridade, que passa a funcionar como base de compreensão de fenômenos sociais novos ou estranhos. Ainda nos ecos do Iluminismo, o que não era compreendido tendia a ser patologizado, numa postura racionalista e moralizante que a ciência impingiu ao social. Foi o que ocorreu, por exemplo, com a homossexualidade que passou pelo escrutínio do cientificismo e era considerada doença até há poucas décadas. Com o tempo, a patologização se aperfeiçoou, alcançando uma dimensão psicologizante, firmemente apoiada no crescente individualismo.

Evidentemente que outros campos da cultura concorreram para difundir valores que consolidaram, intencionalmente ou não, a chamada individualização. A igreja católica apresenta características intrínsecas que valorizam a individualidade, a ruptura com a tradição e até a revolução – "deixe que os mortos enterrem seus mortos". Mas há também fatores extrínsecos, como padres que eram psicólogos e psicanalistas, além de outras influências "liberais" ocorridas na igreja (Sanchis, 2005) que também disseminaram a concepção de individualidade.

O protestantismo e seu discurso de contestação da mediação entre Deus e os homens, além da defesa da "interiorização", sendo seu extremo o pietismo na Alemanha também entram na conta do "reforço" ao individualismo, assim como algumas formas de mística à brasileira, que promovem o transe domesticado ou transe ocidental podem ter contribuído para uma espécie de "gestão" das emoções aos moldes psicológicos. Os movimentos carismáticos cristãos com sua extrema valorização da emoção podem, do mesmo modo, fomentar uma interioridade radical e até se utilizar de técnicas de catarse importadas de algumas psicoterapias.

Também tem importância para a definição da individualidade: a jurisprudência moderna, que cobra e idealiza um sujeito agente, ciente da

sua intencionalidade e deliberativo da sua intimidade; a criminologia que busca entender o *interior* da mente "doentia" dos psicopatas; as reformas sanitárias e higienistas implementadas pela nascente medicina moderna; além das concepções de degeneração da psiquiatria (Duarte et al., 2005). Por fim, talvez o fator que mais tenha contribuído para a disseminação da ditadura do individualismo tenha sido o capitalismo de mercado, impulsionado pela propaganda e pelo marketing que passou a explorar os desejos e não somente as necessidades, apontando para um consumismo "singular" (Curtis, 2002).

Portanto, a psicologização nasceu, cresceu e se desenvolveu num solo favorável, num momento histórico que apontava para a constituição de um "intraindividual".

O que palpamos hoje como psicologização já é o fruto maduro de uma racionalização ocidental, que vai operacionalizar, geralmente por meio da hipóstase, as funções psicológicas – cognição, memória, atenção, quociente de inteligência (QI), mas também aquelas de origens psicanalíticas, como id, ego, superego, self, inconsciente. De forma reducionista e figurativa, esses conceitos são alçados à condição de atores num teatro psicologizável. Assim, a atenção fica "fraca" no TDAH; a memória é perdida nas demências; o superego oprime o self na depressão etc. Enfim, atribui-se uma imanência a certas concepções abstratas, que passam a atuar e influenciar na vida do sujeito como outrora deuses e santos o faziam.

Os impactos da psicologização na psicanálise devem ser analisados com lupa. Quanto a psicanálise cedeu e se deixou ser influenciada pela atomização e massificação da cultura, provendo uma pasteurização de seu discurso? Quanto a psicanálise se encastelou no seu saber e não se lançou em diálogos com outros campos do conhecimento, ilhando-se em teorizações que excluem o sociopolítico?

Quanto o próprio Freud contribuiu para uma concepção em que se opõem o intrapsíquico e o mundo externo, já que em vários momentos em sua obra ele usa a analogia de uma ameba ou célula, demarcando bem seus limites? É bem verdade que Freud sempre considerou as influências da cultura e suas formas de incorporação no

aparelho psíquico, no entanto, certamente o modelo dos protozoários influenciou gerações de psicanalistas.

Lacan parece que estava mais atento quanto aos modelos espaciais nos quais se apoiava. E, para ilustrar a continuidade entre o fora e o dentro do sujeito, lançou mão de modelos espaciais que ilustram os borramentos desses limites, como a garrafa de Klein e a fita de Möbius.

A psicologização – seja no eixo do biologicismo ou da prosopopeia de entes psicológicos – tem em sua essência o fato de isolar o sujeito do meio que o circunda, apontando para o mesmo sujeito a causalidade de seu sucesso e de seu fracasso. A culpa é minha! É o mote do depressivo. O mérito é meu! Diz o empreendedor bem-sucedido.

Portanto, vemos na base da psicologização elementos que espelham exatamente os valores vigentes na atualidade. Numa atitude simplificadora, inúmeras causalidades são afuniladas no plano psicológico. Na verdade, psicologização é um termo geral que enfatiza a despersonalização e a perda da singularidade dos processos psíquicos. Explica, por conseguinte, no atacado, as manifestações subjetivas, propondo um jargão uniformizado, no geral, com teorias ingênuas.

O mecanismo proposto pela psicologização é uma novidade no que concerne à sua abrangência no campo psi. Mas não é novidade enquanto mecanismo de catapultar conflitos diversos do ser humano (luta de classes, disputa de poder, reivindicações de cunho trabalhista, exploração econômica etc.) para o plano individual.

Outrossim, o que observamos de novo no horizonte com a psicologização – assim como a medicalização que seria uma das formas propostas de tratamento demandadas com base na psicologização – na verdade é resultado de uma longa trajetória evolutiva do individualismo.

O individualismo, a psicologização, a medicalização e, mais recentemente, o neoliberalismo são estratégias de transformação subjetiva e construção de racionalidades,[2] que destacam o "indivíduo" que passa a conceber que a causa do *seu* problema está em si mesmo, e tem que

2 "Sabemos, porém, que é mais fácil fugir de uma prisão do que sair de uma racionalidade" (Dardot & Laval, 2016, p. 369).

buscar, por esforços próprios, *suas* soluções. Resulta, dessa forma, que esse "indivíduo" seja avesso a outras contestações mais estruturais.

Pode-se dizer que tais estratégias são dispositivos de poder, a serviço da manutenção do status quo para os mais fortes. Prova disso é que, em última análise, tais estratégias promovem a concentração de renda.

A psicologização nossa de cada dia

Com as relações íntimas mais promíscuas e superficiais, focadas no prazer, o sujeito contemporâneo não consegue sustentar suas angústias e, muito frequentemente, busca especialistas (o Outro fragmentado) para acalentar suas dores. A busca por ajuda, no geral, também se guia por expectativas milagrosas de cura, alívio e de bem-estar durante o processo terapêutico. Dessa forma, abundam terapias psicológicas racionalizantes com abordagem no consciente, de autotransformação, algo como "só depende do seu esforço", "basta pensar positivo", "evite pensamentos negativos", o que o leva a uma espiral de frustrações. Tais terapêuticas centram os esforços pessoais num desatolar do caldo coletivo. Reforçam o individualismo à medida que desencorajam o senso crítico da realidade mórbida e desigual.

Deve-se ouvir o discurso do paciente e se blindar das influências externas – pressões mercadológicas, cobrança por resultado rápido, medicalização e outras pressões para sair do lugar de analista –, e construir uma bolha que supostamente abrigaria uma essência humana atemporal?

Certa vez escutei de uma experiente colega que, quando vai atender a um paciente, desconecta-se de todas as tendências do entorno (consumismo, escapismo, individualismo, narcisismo e outros ismos) e concentra sua escuta apenas na subjetividade daquele ser falante. Tal solução encontrada por ela não escotomizaria os tentáculos do social nesse sujeito?

A atitude da colega psicanalista seria ainda um exemplo do delírio de autonomia do neurótico descrito por Lacan (1955-1956/1985)[3], no qual o sujeito se considera livre da influência do Outro, influência esta impossível de ser totalmente apagada.

Conceber que a fala numa sessão está despregada do cotidiano mundano dos seres comuns seria um pedantismo elitizado. Assemelha-se mais à tendência neoliberal a psicologizar e despolitizar, na esteira da transição de um regime biopolítico – Foucault (1996, 1999), baseado em controle sobre os corpos, técnicas disciplinares e ditames sanitários etc. – para um psicopolítico.[4] Devem-se ouvir os relatos dos pacientes com janelas abertas para o que se passa na realidade atual? Há bons argumentos para cada um dos caminhos de escuta. A bolha, se fechada demais, sufoca-se num solipsismo estéril; se aberta demais, cai nas mesmas terapêuticas racionalistas criticadas anteriormente ou na psicologia estritamente social.

Na fase atual do capitalismo, atletas famosos, youtubers, celebridades, atores de sucesso, empresários bem-sucedidos e propagandas confundem os desejos do sujeito que, sem saber o que sente, busca prontos-socorros, médicos, curandeiros, igrejas, charlatões e as mais variadas formas de terapia. Quando busca serviços médicos, certamente ganhará alguma prescrição de remédio para sua doença, numa clara medicalização. O consumo de serviços, em especial dos serviços médicos, dentro das manifestações performáticas discursivas sociais,

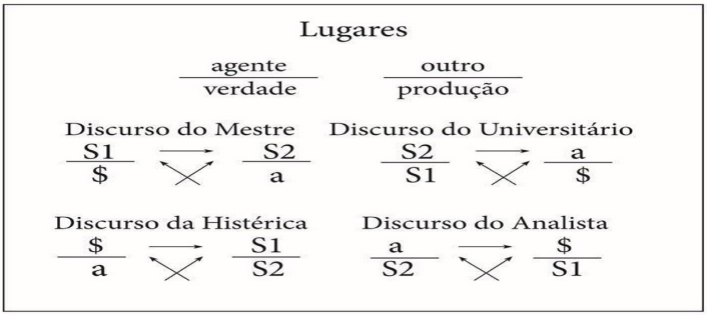
3 "Um certo campo parece indispensável à respiração mental do homem moderno, aquele em que se afirma sua independência em relação, não só a todo senhor, mas também a todo deus, aquele de sua irredutível autonomia como indivíduo, como existência individual. Há justamente aí alguma coisa que merece ser comparada em todos os pontos a um discurso delirante. É um deles. Ele não está de graça na presença do indivíduo moderno no mundo, e nas suas relações com os seus semelhantes. … Em suma, a existência de um discurso permanente de liberdade parece-me indiscutível no indivíduo moderno" (Lacan,1955-1956/1985, pp. 154-155).

4 O panóptico era um modelo de controle no regime biopolítico, no qual a intimidade do dominado frequentemente escapava; o big data tornou-se a forma de controle neoliberal. Agora, nem a intimidade do dominado escapa, ou melhor, "a entrega dos dados não acontece por coação, mas a partir da necessidade interna. Aí reside a eficácia do panóptico digital." (Han, 2018, p. 19) Assim, é preservada a sensação de liberdade de quem, de fato, está sendo dominado.

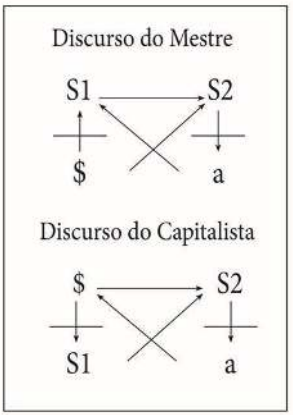
endereça uma demanda (ou um enigma), que é a doença. Mas não é doença física do que se trata…

Semiótica do eco: a voz do sujeito no social e a voz do social no sujeito. Quem fala por quem?

A concepção lacaniana de discursos é útil no entendimento das demandas que são endereçadas a um Outro, mas que são sempre inatingíveis. A concepção dos quatro discursos encontra-se no *Seminário 17* de Lacan (1969-1970/1992), no qual postulava que a expressão social dos discursos organizava a subjetividade. O discurso, então, cria uma relação social com certas posições (hierárquicas, interpelativas, apelativas, vitimizantes, autoritárias etc.) e contratos (quem fala, quem escuta, quando e como se fala etc.) sempre no entorno de uma impossibilidade (ensinar, governar, psicanalisar e fazer desejar). Essa impossibilidade, pensada a partir do *Unbehagen* – mal-estar de Freud – faz movimentar os elementos adjacentes da equação: verdade (S1); o sujeito ($) ou agente; a ciência ou outro (S2); produção (a):



Lacan, na Conferência de Milão, introduziu um quinto discurso: o capitalista ou também chamado discurso do mestre moderno. É uma variação do discurso do mestre (ou senhor):



No discurso capitalista, no lugar de agente temos o consumidor ($), ou seja, diante da cena do mercado, como sujeito-consumidor; o significante-mestre (S1), torna-se a verdade; no campo do Outro, portanto, encontramos o saber, nesse caso, o saber da ciência (S2), que está a serviço do mercado, totalmente desvinculado do sujeito e cuja produção (a) são os objetos de consumo ou gadgets. A entidade Mercado também pode ser vista como uma face do grande Outro.

O sujeito permanece fixado aos gadgets, num objetivo de um mais-de-gozar[5] insaciável, à medida que ocorre a contingência constante desses objetos em busca da satisfação pulsional. Os objetos são alçados à categoria de fetiche, pois camuflam o desejo (ou sua expressão mais fundamental, a falta) a tal ponto que se tem a impressão de que é possível chegar ao gozo real e absoluto, seja possuindo mais dinheiro, adquirindo objetos de consumo, experiências, viagens que prometem sempre um além, mas que ficam sempre aquém.

5 Lacan faz um paralelo, uma homologação, entre o mais-(de-)gozar e o conceito de mais-valia da teoria marxista. Mais-valia é o valor da força de trabalho despendida por um determinado trabalhador na produção e que não é remunerado pelo patrão. A mais-valia é a força movente, dinâmica, do capitalismo; é a força que gera o acúmulo do capital.
Mais-gozar é aquilo que não é satisfeito pelo objeto de consumo, aquela falta, ou insatisfação que faz a equação dos discursos girar. Um significante (S2) nunca pode representar plenamente um sujeito ($) sem que ocorra uma perda (a), esta que é a força movente do sujeito ao nível do discurso capitalista.

É nesse sentido que o sujeito neoliberal é interpelado a ocupar uma posição de subjetividade perversa, sempre disposto à satisfação pulsional, fixado num gozo autossuficiente que não faz laço social, por ligar o produto/mercadoria diretamente ao sujeito.

A progressiva dissolução da imago paterna suscita a gratificação pulsional por meio da liberação repressiva e modifica a internalização das leis no sujeito. As leis, na atualidade, balizam os sujeitos de forma diferente daquela descrita por Freud em "O mal-estar na civilização" (1930/2010), em que pontuava que o sujeito deveria abdicar de certas gratificações pulsionais em prol da civilização. E quando Lacan chega, ao longo de vários anos de elaboração, a uma construção sintética de que o imperativo superegoico na contemporaneidade é: "Goza!", ocorre uma reviravolta na lei (tanto introjetada, quanto externa).

O gozo, agora, é transformado em uma obrigação. Goze e não importa como: o verbo está sem predicação, o que situa esse gozo numa gramática de contingência do objeto; não importa qual o objeto (bonito ou bizarro, lírico ou violento), pois sempre será substituível e permutável. Os objetos podem ser totalmente dialetizáveis à medida que já escapam dos processos disciplinares de

> controle-repressão, mas [vigoram numa gramática] de controle-estimulação: "Fique nu… mas, seja magro, bonito, bronzeado!" (Foucault, 1996, p. 147). Ou seja, apresente sua sexualidade, mas no interior de formas socialmente fornecidas e codificadas pelo mercado. Contudo, o que o conceito lacaniano de supereu nos indica é a desvinculação geral entre imperativo de gozo e conteúdos normativos privilegiados. Volto a insistir, a lei do supereu é vazia, sem determinações privilegiadas. Desta forma, ela pode nos ajudar a compreender por que, na sociedade contemporânea de consumo: "Magro, bonito e bronzeado" pode facilmente ser trocado, por exemplo, por "doente, anoréxico e mortífero" sem prejuízos para sua capacidade momentânea de mobilização de desejos. (Safatle, 2008, p. 23)

A psicanálise na contramão

A proposta da psicanálise vai na contramão do neoliberalismo – que preconiza a gratificação e desvinculação – e oferece ao sujeito a possibilidade de estabelecer vínculo com o analista e de conviver com a própria falta. Não é de se estranhar que há um sem número de ofertas de terapias nas quais ocorre a promessa de uma inflação do entendimento, superação de problemas pela racionalidade, "basta acreditar" nos clichês curativos para se alcançar uma plenitude vendável. E que fique sublinhado: essa enxurrada de terapias de insuflação egoica não fomenta o vínculo e almeja a satisfação ("terapias perverso-compatíveis", na expressão de Dufour, 2009/2013, p. 353), daí a contrariedade diametral do que é ofertado pela psicanálise[6]. A difusão do neoliberalismo fomenta a psicologização, na medida em que o destrinchamento dos "elementos" psicológicos, bem como sua reificação, tornam-se mercadorias.

> O psicológico não é o subjetivo, mas o subjetivo objetivado, convertido em objeto de conhecimento. Quanto à psicologização tipicamente neoliberal, trata-se de uma forma de objetivação que vem reforçar e, ao mesmo tempo, compensar a dessubjetivação inerente ao neoliberalismo por meio de um implante objetivo de subjetividade.
>
> O espaço do sujeito, necessariamente vazio, é preenchido e assim obturado com os objetos da psicologia: a própria mente, a cognição ou a motivação, a autoestima ou a assertividade, o psicodiagnóstico, o coeficiente intelectual ou o tipo de inteligência, o perfil de personalidade etc. O psicológico, portanto, contribui para neutralizar não apenas o político, o externo, o material e o estrutural, como já vimos, mas também o propriamente subjetivo, o existencial, o desejante e o pulsional. (Pavón-Cuéllar, 2017, tradução livre do autor)

6 Até a psicanálise por si se transformou em mercadoria, à medida que é ofertada em cursos de formações express, fora de círculos tradicionais que sustentam a formação do analista, herdada de analistas experientes; além disso, o curso de graduação em psicanálise já se tornou uma realidade.

Qual a postura da psicanálise diante das novas formas de subjetividade? Quais alterações técnicas são necessárias para receber os pacientes de hoje?

A situação vai além da clínica: a psicanálise foi sufocada por sedutoras teorias da vanguarda científica – psicofarmacologia, neurociências e cognitivismo – que prometem a resolução do mal-estar da modernidade.

> Com efeito, a psicanálise como discurso teórico perdeu suas dimensões *ética e política,* ficando restrita a uma mera perspectiva terapêutica na qual a harmonia do sujeito no campo social seria sua finalidade maior. Vale dizer, a psicanálise incorporou, assim, em seu corpo teórico, uma perspectiva *normativa* pela qual a *medicalização do social* pôde se realizar sem resistências, na medida em que foi silenciado o potencial crítico da tese sobre o mal-estar na modernidade. (Birman, 1999, p. 125, grifos do autor)

De fato, a psicanálise não ganhou muito no campo de batalha social, furtando-se ao embate mais frontal de questões político-econômicas. Ao contrário, refugiou-se em ambientes adjacentes e intimistas, o que pôde até reforçar uma psicologização excessiva. A segunda metade da citação de Birman, em que ele afirma que a medicalização do social ocorreu sem resistências, é questionável, pois vários psicanalistas se insurgiram e se posicionaram em debates contemporâneos, fomentando o diálogo com a cultura, como Lacan e Fábio Herrmann, para citar só dois exemplos. O que ocorre é que o apelo mercadológico fala mais alto do que a intelectualidade. Em suma, a psicanálise tanto se choca com o neoliberalismo como chega eventualmente a incorporar aspectos neoliberais.

A psicanálise perdeu terreno para as técnicas de reforço do individualismo, mais sedutoras e despudoradas. A psicanálise é amiúde interpretada e confundida com falta de objetividade. Os estereótipos de psicanalistas, em piadas ou filmes, condensam um sujeito desajeitado, perdido em pensamentos, passivo, pouco prático e distante da realidade. A psicanálise enquanto instituição está sendo agredida pelas tendências da atualidade neoliberais e não é possível uma postura pacifista quando

se é abusado. Os valores inflados pelo neoliberalismo vão de encontro à psicanálise, à saúde física e mental.

Valoriza-se, no ofício psicanalítico, a diferença, a alteridade e a singularidade. A promoção da desigualdade socioeconômica neoliberal obedece a um ditame perverso que borra as nuances da subjetividade rumo à massificação.

Palavras finais

As influências da fase tardia do capitalismo na subjetividade foram se apresentando e, até mesmo, se avolumando nas décadas de 1960-1970. Mas, desde os anos 1990, a hegemonia da ideologia neoliberal passou a moldar corpos e almas de maneira brutal. Nos últimos anos, costuma-se acrescentar um prefixo intensificador para agregar potência e radicalismo ao termo: *ultra*neoliberal.

O psicanalista está sendo obrigado a se inteirar sobre o que se passa além da janela de seu consultório. E, à medida que se demove da inércia, percebe que há campos importantes do saber que o constrangem, longe de seus portos-seguros preestabelecidos – neurose, psicose e perversão. E mais: o psicanalista pode ter átimos de desorientação e um desejo de voltar ao conhecido, perguntando-se defensivamente: "isso é psicanálise?", "há um afastamento da clínica?" ou "isso é psicologia social?".

Sem dúvida, os referenciais clínicos devem estar claros para o analista: qual a angústia do paciente, suas fantasias, defesas e a direção das suas intervenções. No entanto, cada vez mais o psicanalista é interpelado e, de fato, tem de sair temporariamente da "posição" de analista. Deve-se, por isso, também conhecer o caminho de volta para tal "posição". Talvez, a posição do analista seja mesmo essa possibilidade de transitar, evitando uma fixação deveras rígida.

É preciso uma formação psicanalítica consistente para saber operar uma revolução; para saber onde a tradição deve ser rompida e onde parir o novo. Não se trata de vanguardismo desvairado que se autoaniquila. Mas de certa inflexão que a psicanálise vem sendo obrigada a realizar para continuar respirando.

A psicanálise não precisa se restringir à clínica, e o clínico não precisa se restringir a uma psicanálise padronizada e padronizante.

A psicanálise não pode ser subserviente ao discurso neoliberal nem promotora da psicologização.

A territorialização do saber psicanalítico, fechado em si, tende à evaporação, como um lago sem afluentes. O psicanalista não é uma estaca referencial; antes disso, semelhante a um nômade, ele deve saber atravessar as fronteiras dos campos do conhecimento. Sem a transgressão não circula o oxigênio da criatividade, e é de sufocamento mental que padecem os pacientes. Os assuntos nos consultórios trafegam entre sexualidade, família, mãe, política, filosofia, novas séries, filmes, trânsito, filhos… O psicanalista, pois, viaja entre os temas como uma carta selada que ultrapassa fronteiras, transporta mensagens e conecta sentidos.

Herrmann (2003a, 2003b) propõe o conceito de Clínica Extensa como uma estratégia para oxigenar a psicanálise. A agonizante "clínica padrão", com quatro sessões semanais e interpretações metaforizantes engessa outras possibilidades de setting. Com exceção dos Institutos de formação psicanalítica, pode-se encontrar o setting clássico ao lado de fósseis nas prateleiras de museus.

"Em Freud, a Psicanálise ocupava uma área muito maior que a terapia de consultório; depois, dentro do movimento psicanalítico, não se expandiu, encolheu" (Herrmann, 2003a, p. 20). A Clínica Extensa não é apenas a psicanálise aplicada à cultura, à arte e aos movimentos sociais, mas uma forma de nos adequarmos aos novos impasses do sujeito de hoje. Clínica Extensa "é só a vasta medida que o método ultrapassa a técnica" (Herrmann, 2003a, p. 19), pois quando Freud interpretou Schreber ou Moisés não se utilizou das técnicas de livre associação, atenção flutuante, divã etc. O inconsciente é o objeto de pesquisa da psicanálise, e não é mais possível pensar no inconsciente como uma caixa preta ou um baú de reminiscências esquecido no porão e isolado do mundo. "O inconsciente é o discurso do Outro" (Lacan, 1963-1964/1988, p. 126) – essa entidade que nos sopra dizeres que se colocam em prática sem saber.

O desafio da clínica psicanalítica atual é justamente escapar da terapêutica estéril e psicologizante, como tantas formas de alívio dos sofrimentos oferecidas que só fazem reforçar o individualismo. Ao enquadrar os inadaptados numa categoria de fracassados, pode-se oferecer como solução o sucesso, buscado, via empreendedorismo, com fórmulas prontas e receitas de ícones bem-sucedidos. Desta forma, tanto o sofrimento psíquico como suas soluções são cooptados como mercadorias.

Há um antagonismo ético entre a psicanálise e as tendências à dessubjetivação operadas pelo neoliberalismo: de um lado a psicanálise privilegiando dar voz ao sujeito; doutro, o sujeito sendo impelido rumo a um consumidor massificado.

La psicologización derivada del individualismo:
amenazas al psicoanálisis

Resumen: El autor argumenta que la psicologización es el resultado de la superposición de diversas tendencias culturales que, desde el Renacimiento, han fomentado el individualismo, la autodeterminación y una concepción de la interioridad. El autor enfatiza que el discurso neoliberal no solo facilita el consumo, sino que también afecta la constitución del sujeto contemporáneo, potencia el individualismo, objetiva las relaciones y promueve la gratificación instintiva. La modificación resultante del sujeto impacta en los modelos "oficiales" y diagnosticables de sufrimiento, así como en la búsqueda de terapias emergentes que buscan acomodar y aliviar estas nuevas formas de sufrimiento psíquico. El autor aborda la reacción del psicoanálisis, con sus fundamentos teóricos clásicos —neurosis, psicosis y perversión— ante el sujeto actual, en busca de una rápida realización a través del consumo, desprovisto de su vida fantasiosa, reacio a la reflexión y, por lo tanto, poco accesible al modelo psicoanalítico clásico.

Palabras clave: individualismo, neoliberalismo, subjetividad,
psicologización, psicoanálisis

Psychologization derived from individualism: threats to psychoanalysis

Abstract: The author argues that psychologization is the result of an overlap of several cultural trends that, since the Renaissance, have fostered individualism, self-determination and a conception of interiority. The author emphasizes that neoliberal discourse not only facilitates consumption, but also affects the constitution of the contemporary subject, enhances individualism, objectifies relationships and promotes instinctual gratification. The resulting modification of the subject impacts the "official" and diagnosable models of suffering, as well as the search for emerging therapies that aim to accommodate and alleviate these new forms of psychic suffering. The author addresses the reaction of psychoanalysis, with its classical theoretical supports – neurosis, psychosis and perversion – to the current subject, in search of rapid fulfillment through consumption, dehydrated of his fantasy life, averse to reflection and, therefore, little available to the classical psychoanalytic model.

Keywords: individualism, neoliberalism, subjectivity, psychologization, psychoanalysis

Referências

Birman, J. (1999). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Civilização Brasileira.

Curtis, A. (Diretor). (2002). *O século do ego* [Documentário]. BBC. https://www.youtube.com/watch?v=sYlzJO2jd9k

Dardot, P. & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (trad. Mariana Echalar). Boitempo.

Duarte, L. F. et al. (Orgs.) (2005). *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Contra Capa.

Dufour, D.-R. (2013). *A cidade perversa: liberalismo e pornografia*. Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 2009)

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras completas* (P. C. Souza, Trad., Vol. 18, pp. 13-122). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)

Foucault, M. (1996). Poder-corpo. In R. Machado (Org. e Trad.), Microfísica *do poder*. Graal.

Foucault, M. (1999). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Vozes.

Han, B.-C. (2018). *Psicopolítica – o neoliberalismo e as novas técnicas de poder*. Âyiné.

Herrmann, F. (2003a). *A psicanálise e a clínica extensa*. Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2003b). Sobre a travessia da incerteza (sobre a clínica extensa no consultório). *Jornal de Psicanálise, 36*(66/67), 167-194.

Lacan, J. (1985). *O seminário, Livro 3, As psicoses*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)

Lacan, J. (1988). O seminário, Livro 11, Os quatro conceitos da psicanálise. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1963-1964)

Lacan, J. (1992). *O seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise*. Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Pavón-Cuéllar, D. (2017). Subjetividad y psicología en el capitalismo neoliberal. *Psicología Política, 17*(40), 589-607. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000300011&lng=pt&tlng=es

Renaut, A. (1998). *O indivíduo: reflexão acerca da filosofia do sujeito*. Difel.

Sanchis, P. (2005). A igreja católica no Brasil e a dimensão do "sujeito". In L. F. Duarte et al. (Orgs.), *Psicologização no Brasil: atores e autores*. Contra Capa.

Safatle, V. P. (2008). Por uma crítica da economia libidinal. *Ide, 31*(46), 16-26. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100004&lng=pt&tlng=pt.

Ricardo Biz

contato@psiquiatriajundiai.com.br

DOI: 10.67671/alter.2026.13

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.